

RENCONTRO
literatura

José de Alencar

Senhora

Adaptação de
Renata Pallottini

Ilustrações de
Fabiana Salomão



editora scipione

Gerência editorial

Sâmia Rios

Edição de texto

José Paulo Brait

Revisão

Claudia Virgilio e Viviane Teixeira Mendes

Coordenação de arte

Maria do Céu Pires Passuello

Programação visual de capa e miolo

Didier D. C. Dias de Moraes



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

e-mail: atendimento@aticascipione.com.br

2018

ISBN 978-85-262-4821-2 – AL

CL: 734878

CAE: 220291

1.ª EDIÇÃO

16.ª impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Pallottini, Renata

Senhora / José de Alencar; adaptação de Renata Pallottini; ilustrações de Fabiana Salomão. – São Paulo: Scipione, 2003. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. José de Alencar, 1829-1877. II. Salomão, Fabiana. III. Título. IV. Série.

03-1046

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

SUMÁRIO

<i>Quem foi José de Alencar?</i>	4
PRIMEIRA PARTE – O preço	5
Capítulo 1 – Aurélia	6
Capítulo 2 – O baile	8
Capítulo 3 – A decisão	10
Capítulo 4 – Fernando	14
Capítulo 5 – A história de Fernando	17
Capítulo 6 – A proposta	20
Capítulo 7 – A condição	22
Capítulo 8 – Motivos	25
Capítulo 9 – O encontro	28
Capítulo 10 – O noivado	30
Capítulo 11 – O casamento	32
Capítulo 12 – O ajuste	35
SEGUNDA PARTE – Quitação	37
Capítulo 1 – Os infelizes	38
Capítulo 2 – Insulto	41
Capítulo 3 – O amor	43
Capítulo 4 – Duplicidade	45
Capítulo 5 – A ruptura	48
Capítulo 6 – Reencontro e perda	50
Capítulo 7 – A herança	52
Capítulo 8 – A explicação	55
TERCEIRA PARTE – Posse	57
Capítulo 1 – O primeiro dia	58
Capítulo 2 – As aparências	59
Capítulo 3 – A primeira rusga	61
Capítulo 4 – O jogo	63
Capítulo 5 – Divórcio?	65
Capítulo 6 – A recusa	66
QUARTA PARTE – Resgate	69
Capítulo 1 – O retrato	70
Capítulo 2 – O ciúme	72
Capítulo 3 – O baile	74
Capítulo 4 – O marcador de livros	78
Capítulo 5 – O acerto de contas	83
<i>Quem é Renata Pallottini?</i>	88

QUEM FOI JOSÉ DE ALENCAR?

José Martiniano de Alencar nasceu em 1829, em Mecejana, Ceará. Filho de político influente, mudou com seus pais para o Rio de Janeiro em 1838. Fez o curso de direito, que iniciou e concluiu na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, com passagens pela Faculdade de Olinda, Pernambuco. Começou no jornalismo em 1854 e, dois anos depois, estreava na ficção com o romance *Cinco minutos*.

Em 1857, lançou em livro sua obra mais importante, *O guarani*, anteriormente publicado em folhetim, como era de praxe para romances românticos naquela época. Foi ainda nessa ocasião que começou a escrever e ter representadas suas peças de teatro, das quais a mais conhecida é *O demônio familiar*, obra curiosa que trata alguns dos problemas relacionados com a escravidão negra, assunto também de *Mãe*, outra peça de êxito. Estava agora maduro para a literatura e para a política, tendo sido eleito deputado em 1861.

Os anos seguintes foram de sucesso crescente como escritor. Abandonou a política, que o tinha decepcionado, e se dedicou cada vez mais aos trabalhos literários. *Iracema*, um clássico da prosa indianista, foi publicado em 1865. Seus últimos romances, *Senhora* e *O sertanejo*, dez anos depois.

Morreu no Rio de Janeiro em 1877, já considerado um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.

Primeira parte

O preço



Capítulo 1

Aurélia

Há algum tempo raiou no céu do Rio de Janeiro uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão, ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes, a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa. Chamava-se Aurélia Camargo; tinha dezoito anos quando apareceu pela primeira vez na sociedade. Ninguém a conhecia, e logo buscaram todos com avidez informações acerca da novidade do dia.

Aurélia era órfã e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, dona Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de uma mãe de encomenda, para satisfazer os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina. Na verdade, a moça decidia suas ações e governava sua casa como lhe parecia melhor.

Constava que Aurélia tinha um tutor, mas essa pessoa desconhecida também não devia exercer grande influência em sua vontade. A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações e de seu capricho.

Cercada por uma turba de pretendentes, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou a situação difícil em que se achava e os perigos que a ameaçavam. Daí provinham, talvez, uma expressão cheia de desdém e um certo ar provocador que aumentavam a sua beleza.

Na sala, cercada de adoradores, Aurélia parecia unicamente possuída de indignação por essa turba vil e abjeta.

Não era um triunfo para ela a torpe humilhação dessa

gente ante a sua riqueza. Era um desafio, que lançava ao mundo, orgulhosa de esmagá-lo aos pés, como se fosse um réptil venenoso.

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono. Por isso mesmo, considerava ela o ouro um vil metal que rebaixava os homens.

Convencida de que todos os seus apaixonados, sem exceção, a pretendiam unicamente pela fortuna, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo tratamento. Costumava indicar o merecimento dos seus pretendentes dando-lhes certo valor monetário.

Um dia, uma amiga da sociedade, Lísia, dirigiu-lhe um gracejo acerca de Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara recentemente da Europa:

– É um moço muito distinto – respondeu Aurélia, sorrindo –; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia. Não me contento com esse.

Todos se riam desses ditos de Aurélia; seus adoradores sabiam de sua cotação no rol da moça. Essa cotação variava segundo os caprichos dela ou o comportamento dos pretendentes, homens cobiçosos ou cegos de paixão, que não viam o escárnio com que os tratava a jovem dama.

Não continuarei a descrever a passagem de Aurélia pelos salões da corte. Proponho-me apenas a referir o drama íntimo que decidiu o destino dessa mulher.



Capítulo 2

O baile

Seriam nove horas da manhã de um dia de sol ardente de março. Aurélia, reclinada no seu canapé, parecia imersa em profundos pensamentos. Sua serena beleza estava impregnada de uma melancolia que não lhe era habitual, quando entrou no gabinete dona Firmina Mascarenhas, a senhora que fazia as vezes de sua governanta e dama de companhia. Sentou-se a senhora ao lado de Aurélia, numa das vastas cadeiras de braços, e, enquanto esperava pelo almoço, resolveu conversar:

– Está fatigada de ontem? – perguntou, expressando uma afetada ternura.

– Nem tanto; mas sinto-me lânguida. Deve ser o calor – respondeu a moça.

– Esses bailes da corte terminam muito tarde; por isso é que no Rio de Janeiro há tanta moça magra e amarela.

Firmina continuou nesse tom, fazendo comentários sobre o baile da véspera; Aurélia deixou-a falar, esperando que esgotasse todas as suas observações. A certa altura, porém, achou melhor interrompê-la:

– Que achou da Amaralzinha, dona Firmina?

– A Amaralzinha? É aquela moça toda de azul?

– Com espigas de prata nos cabelos.

– É uma menina bem galante! – afirmou a viúva.

– E bem-educada. Dizem que toca piano perfeitamente e que tem uma voz muito agradável.

Houve uma pausa, mas em seguida Aurélia se dirigiu a dona Firmina em tom vivo:

– Diga-me uma coisa, dona Firmina. Mas quero que seja franca!

– O que é, Aurélia?
– Quem é mais bonita: a Amaralzinha ou eu?
– Ora, ora – acudiu a viúva, a rir. – Está zombando de mim? Desde quando a Amaralzinha se compara a você?
– Seja sincera!
– Outras, muito mais bonitas que ela, não chegam a seus pés, Aurélia!
– É tão elegante! – disse Aurélia, como se completasse uma reflexão íntima.
– Já disse, Aurélia, que em todo o Rio de Janeiro não se encontra quem lhe faça sombra.
– Eu sei muito bem, minha senhora, que tenho um *estilo de ouro*, e que são grandes os meus *dotes*!
– Entendo o que você quer dizer: o dinheiro faz do feio bonito. Mas repare bem: seus maiores admiradores são justamente aqueles que não podem pretender sua riqueza – uns são casados, outros já velhos...
– Mas o ouro tem uma fumaça invisível, que embriaga como um charuto de Havana! Mesmo os que não querem o dinheiro em si gostam de aproximar-se de todos os lugares onde ele impera!

Dona Firmina entendeu que aquela conversa estava por terminar; levantou-se para consertar a posição das estatuetas de alabastro e dos vasos de porcelana da sala, enquanto Aurélia, dirigindo-se para a janela, parecia dedicar-se ao sol, embebendo-se toda na sua luz.

Em seguida, a menina foi para o piano, onde se sentou para executar uma ária de ópera; tocando e cantando, recuperou-se de sua melancolia anterior, até levantar-se para se chegar a dona Firmina e, entre muitas risadas, terminar a cena de maneira cômica.

